

**A “FRAQUEJADA” COMO ESTRATÉGIA HUMORÍSTICA:
INTERTEXTUALIDADE E DERRISÃO POLÍTICA EM PERSPECTIVA
SEMIOLINGÜÍSTICA**

**THE 'WEAKLING' AS A HUMOROUS STRATEGY:
INTERTEXTUALITY AND POLITICAL DERISION IN A SEMIOLINGUISTIC
PERSPECTIVE**

Tiago Marques Luiz¹

Data de recebimento do texto: 20/06/2026

Data de aceite: 10/07/2026

Resumo: O humor político em uma publicação da rede social *X*, que associa figuras públicas à imagem do Diabo de forma hiperbólica e depreciativa, evidencia um funcionamento discursivo centrado na relação entre contrato de comunicação, alvo de derrisão e memória discursiva. A análise fundamenta-se na teoria semiolinguística de Charaudeau (2006, 2011, 2013, 2016, 2023), que compreende o humor como estratégia enunciativa situada e destaca o contrato de comunicação como regulador dos sentidos. Também são mobilizadas as ideias de Samoyault (2008) sobre intertextualidade e de Bakhtin (2011) sobre o caráter dialógico dos enunciados. A abordagem metodológica examina procedimentos como enumeração, quebra de expectativa, rebaixamento simbólico e retomada da fala de Jair Bolsonaro sobre ter “fraquejado” ao nascer sua filha. Conclui-se que o humor transcende a agressividade verbal, funcionando pela reinscrição crítica de discursos anteriores e promovendo escárnio político e convivência entre enunciador e destinatário.

Palavras-chave: Humor político. Semiolinguística. Intertextualidade. Memória discursiva. Contrato de comunicação.

Abstract: Political humor, as observed in a post on the social network *X*, which hyperbolically and disparagingly associates public figures with the image of the Devil, demonstrates a discursive functioning centered on the relationship between communication contract, target of derision, and discursive memory. The analysis is based on Charaudeau’s semiolinguistic theory (2006, 2011, 2013, 2016, 2023), which understands humor as a situated enunciative strategy and highlights the communication contract as a regulator of meaning. The study also draws on Samoyault’s (2008) ideas on intertextuality and Bakhtin’s (2011) perspective on the dialogic nature of utterances. The methodological approach examines procedures such as enumeration, expectation-breaking, symbolic downgrading, and reference to Jair Bolsonaro’s statement about “faltering” at the birth of his daughter. It is concluded that the humor goes beyond verbal aggressiveness, operating through the critical reinscription of previous discourses and promoting political mockery and complicity between enunciator and recipient.

Keywords: Political humor. Semiolinguistics. intertextuality. Discursive memory. Communication contract.

¹ Universidade Federal da Grande Dourados. Graduado em Letras/ Português/Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados (2009), especialização em Tradução de Inglês pela Universidade Gama Filho (2011), Mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013) e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: markx2006@gmail.com

Considerações iniciais

O humor, longe de se restringir ao riso ou à mera função recreativa, constitui uma prática discursiva complexa, atravessada por valores, posicionamentos ideológicos, disputas simbólicas e modos específicos de relação entre sujeitos. Em contextos de circulação digital, especialmente nas redes sociais, o humor político adquire forte produtividade, pois se apoia na brevidade, na ironia, na hipérbole e na capacidade de mobilizar repertórios compartilhados entre enunciador e destinatário. Nesse espaço, a piada, o meme, a postagem satírica e o comentário irônico funcionam como formas condensadas de crítica social e política, produzindo efeitos de adesão, rejeição, cumplicidade ou conflito.

A teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau oferece um caminho produtivo para compreender esse funcionamento, uma vez que considera o discurso como resultado de uma encenação comunicativa na qual se articulam sujeitos, finalidades, circunstâncias de produção e estratégias de captação do outro. No caso específico do humor, Charaudeau compreende o ato humorístico como uma prática enunciativa situada, cuja eficácia depende não apenas da intenção do locutor, mas também do reconhecimento do destinatário e da construção de uma relação de convivência entre ambos (Charaudeau, 2006, p. 20-21). Assim, o humor não se define somente por sua capacidade de provocar riso, mas pelo modo como organiza uma cena discursiva na qual algo ou alguém se torna alvo de deslocamento, rebaixamento, crítica ou transgressão.

A publicação analisada neste artigo insere-se nesse campo de funcionamento do humor político digital. O post constrói uma cadeia depreciativa ao associar figuras públicas à imagem do Diabo, mobilizando uma lógica hiperbólica e moralizante que aproxima determinados sujeitos políticos de um imaginário do mal. O efeito humorístico decorre, inicialmente, da enumeração exagerada e da quebra de expectativa produzida pela frase final. Contudo, esse efeito se intensifica porque o enunciado não opera isoladamente: ele retoma, de modo alusivo, uma fala pública de Jair Bolsonaro sobre ter tido quatro filhos homens e “fraquejado” no nascimento da filha. A expressão “fraquejada”, nesse sentido, funciona como índice de uma memória discursiva anterior, sem a qual a potência crítica da postagem se reduziria.

Desse modo, a análise proposta parte da hipótese de que o humor do post se constrói pela articulação entre derrisão política, intertextualidade e contrato de comunicação. A

palavra “fraquejada” atua como operador intertextual, pois convoca um discurso anterior e o desloca para uma nova cena enunciativa, na qual a fala originalmente proferida por Bolsonaro é reinscrita como instrumento de ridicularização do próprio sujeito político. Esse procedimento aproxima o post de uma lógica paródica e dialógica, pois o enunciado responde a outro enunciado, reorganizando seus sentidos e produzindo uma inversão valorativa. Nesse ponto, a compreensão bakhtiniana de que todo enunciado se constitui em relação com outros enunciados contribui para pensar o humor como resposta, retomada e refração de discursos já em circulação social (Bakhtin, 2011).

A intertextualidade, portanto, não aparece apenas como referência decorativa, mas como elemento estruturante do efeito humorístico. O leitor precisa reconhecer o enunciado anterior para compreender plenamente a ironia presente na publicação. Isso significa que o humor depende de uma competência interpretativa compartilhada, isto é, de um saber discursivo que vincula enunciador e destinatário em uma relação de cumplicidade. Pela perspectiva semiolinguística, essa cumplicidade não é neutra: ela implica adesão a determinado ponto de vista, pois o destinatário é convocado a ocupar uma posição crítica diante do alvo da piada. O riso, nesse caso, funciona como forma de julgamento político e de pertencimento a uma comunidade interpretativa.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo do humor político em uma publicação de rede social, observando como a teoria semiolinguística de Charaudeau permite compreender a construção do contrato de comunicação, dos sujeitos da encenação, do alvo de derrisão e dos efeitos de convivência. Além disso, busca-se discutir de que modo a intertextualidade contribui para a produção do humor, especialmente pela retomada alusiva da expressão “fraquejada”. Metodologicamente, realiza-se uma análise discursiva do post, considerando seus procedimentos de enumeração, hipérbole, quebra de expectativa, rebaixamento simbólico e reinscrição crítica de um discurso anterior.

Com isso, pretende-se demonstrar que o humor político digital não deve ser compreendido apenas como manifestação espontânea de riso ou agressividade verbal, mas como prática discursiva situada, na qual se articulam linguagem, memória, ideologia e disputa de sentidos. A publicação analisada evidencia que o humor pode funcionar como estratégia de crítica e de deslegitimação simbólica, ao transformar uma fala anterior do próprio sujeito político em recurso de escárnio. Assim, a postagem opera simultaneamente

como ato humorístico, gesto intertextual e posicionamento político, confirmando a relevância da abordagem semiolinguística para a análise de discursos humorísticos em circulação nas redes sociais.

Humor e contrato de comunicação em Patrick Charaudeau

A teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau parte do princípio de que todo ato de linguagem se realiza em uma situação de comunicação. Isso significa que o sentido de um enunciado não está apenas nas palavras efetivamente ditas, mas também nas condições externas que tornam possível sua produção, circulação e interpretação. Para o autor, a análise do discurso precisa considerar a relação entre o ato de linguagem e sua exterioridade, isto é, aquilo que não aparece necessariamente verbalizado na superfície do enunciado, mas que participa de sua interpretação (Charaudeau, 2023, p. 207-208).

Nesse quadro, a situação de comunicação corresponde ao conjunto de condições que orienta a produção e a interpretação dos sentidos. O sujeito que produz o enunciado mobiliza determinadas condições situacionais, enquanto o sujeito interpretante precisa reconhecê-las para atribuir sentido ao ato de linguagem. A situação de comunicação funciona, assim, como lugar de restrição e de orientação, pois fornece instruções prévias aos sujeitos sobre como produzir e interpretar o discurso (Charaudeau, 2023, p. 220).

Charaudeau distingue a situação global de comunicação e a situação específica de comunicação. A primeira diz respeito ao enquadramento mais amplo das práticas sociais, como o discurso político, midiático, publicitário, jurídico ou educacional. A segunda refere-se às condições concretas em que o ato de linguagem se materializa, considerando os sujeitos envolvidos, os papéis sociais que ocupam, o suporte de circulação, a finalidade da troca e as circunstâncias materiais do enunciado (Charaudeau, 2023, p. 221-223). Essa distinção é produtiva para a análise de discursos digitais, pois permite compreender que uma postagem em rede social pertence, simultaneamente, a uma situação global de comunicação política e a uma situação específica de circulação digital.

É nesse ponto que se localiza a noção de contrato de comunicação. Para Charaudeau, as situações global e específica formam um quadro de restrições que orienta os sujeitos comunicantes e interpretantes, oferecendo-lhes instruções discursivas a serem consideradas na produção e na interpretação dos enunciados. Esse conjunto de restrições

constitui o contrato de comunicação, entendido como condição para que se estabeleça uma compreensão possível entre os parceiros do ato de linguagem (Charaudeau, 2023, p. 224). Assim, o contrato não determina mecanicamente as formas linguísticas utilizadas, mas regula expectativas, papéis, finalidades, modos de organização discursiva e possibilidades de interpretação.

No caso de uma publicação humorística em rede social, o contrato de comunicação é marcado pela brevidade, pela rapidez da circulação, pela disputa de visibilidade, pela presença de posicionamentos políticos e pela expectativa de reconhecimento imediato por parte do leitor. O enunciador não apenas informa ou opina: ele encena uma posição discursiva diante de um público presumido, buscando captá-lo por meio do riso, da ironia, da hipérbole e da derrisão. A situação específica da rede social, portanto, favorece formas condensadas de humor político, nas quais poucos elementos verbais podem ativar memórias discursivas, avaliações ideológicas e efeitos de cumplicidade.

Essa compreensão permite articular o contrato de comunicação ao funcionamento do ato humorístico. Para Charaudeau, o humor não deve ser reduzido ao riso ou ao jogo de palavras, pois constitui um ato de enunciação situado, dependente de uma relação estratégica entre locutor, destinatário e alvo (Charaudeau, 2006, p. 21-23). Desse modo, o humor político digital deve ser analisado a partir da articulação entre contrato de comunicação, sujeitos da encenação, domínio temático, procedimentos discursivos e efeitos possíveis sobre o destinatário.

Intertextualidade, memória discursiva e derrisão política

A análise do humor político em circulação nas redes sociais exige considerar que nenhum enunciado se constrói de maneira isolada. Toda postagem, comentário ou formulação humorística pode retomar discursos anteriores, deslocá-los e reinscrevê-los em novas condições de produção e interpretação. Nesse sentido, a intertextualidade não deve ser compreendida apenas como presença explícita de um texto em outro, mas como relação de retomada, transformação e reorientação de sentidos já em circulação social. O texto humorístico, especialmente quando voltado à crítica política, frequentemente depende dessa memória compartilhada para produzir seus efeitos de reconhecimento, surpresa e cumplicidade.

Samoyault compreende a intertextualidade como uma noção instável, atravessada por diferentes formulações teóricas e por práticas variadas de relação entre textos. Para a autora, a intertextualidade envolve modos diversos de presença de um texto em outro, podendo manifestar-se por citação, alusão, referência, pastiche, paródia, plágio, colagem e outras formas de retomada (Samoyault, 2008, p. 9-10). Essa perspectiva é produtiva para a análise de enunciados humorísticos porque permite compreender que a relação intertextual nem sempre se apresenta de modo explícito ou formalmente marcado. Muitas vezes, ela se realiza por vestígios, fragmentos, palavras reconhecíveis e lembranças discursivas que dependem do repertório cultural do destinatário.

A contribuição de Samoyault é especialmente relevante quando a autora aproxima intertextualidade e memória. Para ela, os textos se constituem por procedimentos de retomada, lembrança e reescritura, nos quais discursos anteriores são inscritos em novas configurações de sentido (Samoyault, 2008, p. 47). Ainda que sua reflexão esteja centrada no campo literário, essa concepção pode ser ampliada para pensar práticas discursivas que circulam socialmente, como o humor político digital. A intertextualidade, nesse caso, não se limita à repetição de uma formulação anterior, mas envolve a ativação de uma memória discursiva que permite reconhecer, no novo enunciado, marcas de um dizer já conhecido.

Essa dimensão memorial é decisiva porque o humor do post não se constrói apenas na superfície verbal. A expressão “fraquejada” funciona como sinal de uma lembrança discursiva. Ela retoma uma fala pública de Jair Bolsonaro sobre ter tido quatro filhos homens e ter “fraquejado” no nascimento da filha. No entanto, essa retomada não aparece como citação direta, nem é acompanhada de explicação. O enunciador pressupõe um destinatário capaz de reconhecer a origem social da expressão e de compreender sua reinscrição irônica. Trata-se, portanto, de uma intertextualidade alusiva, na qual o texto anterior não é reproduzido integralmente, mas permanece ativo como memória compartilhada.

A memória intertextual, contudo, não é homogênea nem plenamente garantida. Samoyault observa que a memória dos textos constitui um espaço instável, atravessado por esquecimentos, lembranças fugazes, apagamentos temporários e recuperações repentinas (Samoyault, 2008, p. 68). Essa instabilidade é fundamental para pensar o funcionamento do humor em redes sociais. Nem todo leitor reconhecerá a alusão contida na palavra “fraquejada”; nesse caso, parte da força crítica do enunciado se perde, embora permaneça o efeito hiperbólico da associação entre figuras políticas e a imagem do Diabo. O humor,

portanto, depende de uma memória partilhada, mas essa partilha é sempre variável, parcial e sujeita à experiência interpretativa de cada destinatário.

A perspectiva dialógica de Bakhtin também contribui para essa compreensão, uma vez que concebe o enunciado como resposta a outros enunciados e como antecipação de novas respostas. Nenhuma palavra é neutra ou inaugural; ela traz marcas de usos anteriores, valores sociais e posições discursivas que são retomadas, tensionadas ou deslocadas em cada nova situação comunicativa (Bakhtin, 2011). Samoyault, ao discutir o percurso da noção de intertextualidade, observa que a reflexão sobre o diálogo entre textos passa pela herança bakhtiniana, na medida em que todo texto pode ser compreendido como espaço atravessado por outras vozes e outros discursos (Samoyault, 2008, p. 18-22). Desse modo, o humor pode ser entendido como prática discursiva relacional, pois seu funcionamento depende da capacidade de convocar outros dizeres e reorganizá-los em uma nova cena de enunciação.

No caso da publicação analisada, a relação intertextual é localizada em uma palavra específica: “fraquejada”. Essa palavra atua como marcador de memória, pois carrega para o interior da postagem um discurso anterior já atravessado por controvérsia, julgamento moral e crítica pública. Ao ser deslocada para a cena humorística, a expressão deixa de se referir ao nascimento da filha de Bolsonaro e passa a ser usada para explicar, de modo depreciativo, a própria origem simbólica do sujeito político. O enunciado, assim, transforma uma fala anterior do alvo em instrumento de ridicularização do próprio alvo.

Esse procedimento aproxima a postagem de uma lógica paródica. A paródia não consiste somente em imitar um discurso anterior, mas em retomá-lo com deslocamento de valor. O discurso retomado é reinscrito em outra situação comunicativa, na qual passa a produzir sentidos diferentes daqueles de sua enunciação original. Samoyault permite compreender que a intertextualidade possui também uma dimensão lúdica, pois os textos jogam com modelos, referências e formulações já ditas, reapropriando-as em novas cenas de sentido (Samoyault, 2008, p. 78-79). No post, a expressão “fraquejada” é reorientada ironicamente: aquilo que, na fala anterior, aparecia como formulação depreciativa em relação à filha, passa a funcionar como mecanismo de rebaixamento simbólico do próprio Bolsonaro.

A intertextualidade, portanto, atua como mecanismo de inversão valorativa. O enunciator não apenas menciona Bolsonaro como alvo de crítica; ele faz retornar uma palavra associada ao próprio Bolsonaro e a reinscreve em uma cena de escárnio. Há, nesse

gesto, uma espécie de retorno discursivo: a palavra anteriormente proferida pelo sujeito político volta contra ele, agora deslocada para uma narrativa humorística em que sua origem simbólica é atribuída a uma “fraquejada” do Diabo. O efeito humorístico nasce justamente dessa inversão, pois o discurso anterior é apropriado, desviado e convertido em ferramenta de deslegitimação.

Essa operação intertextual também pode ser compreendida à luz da reflexão de Charaudeau sobre o discurso político. Para o autor, a palavra política não deve ser tomada em sua transparência literal, pois se organiza em torno de um jogo de máscaras, no qual aquilo que é dito deve ser interpretado em relação ao que não é dito e às estratégias de influência mobilizadas na cena discursiva (Charaudeau, 2011, p. 1). No caso da postagem, a expressão “fraquejada” não vale apenas pelo que diz no interior da narrativa humorística; ela vale também pelo que convoca, pelo que sugere e pelo que faz retornar como memória discursiva. O termo funciona, assim, como palavra de dupla inscrição: participa da construção da piada e, ao mesmo tempo, reativa um dizer anterior associado ao próprio alvo da derisão.

A memória, nessa operação, não funciona como simples depósito de referências. Samoyault observa que a memória mobilizada pela intertextualidade pode ser compreendida como um reservatório de modelos, estruturas, imagens e formulações passíveis de reapropriação (Samoyault, 2008, p. 82). Na postagem, o enunciador retira desse repertório uma expressão já socialmente marcada e a desloca para outro domínio temático: o da sátira política. O que estava ligado a uma fala sexista passa a integrar uma construção humorística de ataque, na qual o próprio autor da fala anterior é transformado em alvo de rebaixamento. A memória, portanto, é ativada para produzir deslocamento, não para preservar intacto o sentido original.

Pela perspectiva semiolinguística, essa retomada intertextual reforça a relação entre locutor, destinatário e alvo. O locutor constrói uma cena humorística na qual o destinatário ideal é convocado a reconhecer o discurso anterior e a participar da avaliação negativa dirigida ao alvo. Para Charaudeau, o ato humorístico envolve uma estratégia enunciativa orientada à produção de cumplicidade, ainda que essa cumplicidade dependa das posições ocupadas pelos sujeitos e do reconhecimento dos sentidos em jogo (Charaudeau, 2006, p. 21-23). No caso analisado, a cumplicidade não se produz apenas pelo riso diante da associação com o Diabo, mas pelo reconhecimento da alusão à fala anterior de Bolsonaro.

Além disso, a retomada intertextual da expressão “fraquejada” participa de uma estratégia de captação do destinatário. Charaudeau observa que a captação está ligada à necessidade de mobilizar o outro, afetá-lo e conduzi-lo a aderir a determinado efeito discursivo, especialmente em situações de circulação midiática, nas quais a dramatização se torna uma exigência de construção do sentido (Charaudeau, 2013, p. 129). Na postagem, essa captação ocorre pelo reconhecimento da alusão: o destinatário é convocado a identificar a fala anterior de Bolsonaro, perceber sua inversão irônica e aderir ao julgamento depreciativo construído pelo enunciador. A memória intertextual, portanto, não apenas informa o sentido do enunciado; ela funciona como mecanismo de cumplicidade humorística.

A recepção intertextual também depende da memória do leitor. Samoyault observa que a intertextualidade cria uma relação de dependência com o leitor, pois exige dele saberes, imaginação e capacidade de reconhecer deslocamentos entre textos e discursos (Samoyault, 2008, p. 89-90). Como a memória individual não é total nem idêntica à memória mobilizada pelo texto, a interpretação dos fenômenos intertextuais comporta sempre certo grau de subjetividade (Samoyault, 2008, p. 91). Na postagem analisada, isso significa que a cumplicidade humorística não se estabelece automaticamente: ela depende de um destinatário capaz de reconhecer a alusão à fala anterior de Bolsonaro e de compreender sua conversão em instrumento de derrisão política.

Essa memória intertextual também distingue o post de uma simples ofensa direta. Se o enunciado apenas associasse Bolsonaro ao Diabo, seu funcionamento poderia ser lido como insulto político hiperbólico. Entretanto, ao mobilizar a palavra “fraquejada”, a postagem passa a operar em dois níveis: no primeiro, constrói uma narrativa de rebaixamento moral; no segundo, aciona a lembrança de uma fala anterior e a devolve ao próprio sujeito político sob a forma de ridicularização. O humor, portanto, resulta da articulação entre memória discursiva, deslocamento intertextual e derrisão.

Esse funcionamento também pode ser aproximado do jogo enunciativo descrito por Charaudeau. Nesse tipo de procedimento, o destinatário precisa calcular a distância entre aquilo que é explicitamente dito e a intenção implícita que sustenta o enunciado. O humor surge da dissociação entre o sentido manifesto na superfície textual e o julgamento que deve ser reconstruído pelo leitor (Charaudeau, 2006, p. 27-28). Na postagem, a frase final não apenas acrescenta Bolsonaro à cadeia depreciativa anteriormente construída; ela exige que

o destinatário reconheça que a palavra “fraquejada” contém uma segunda camada de sentido, vinculada a um discurso anterior e mobilizada agora contra o próprio alvo.

Além do jogo enunciativo, há também um jogo semântico. A palavra “fraquejada” passa a operar em dois planos de leitura. No primeiro, ela funciona como elemento interno da narrativa humorística, sugerindo uma falha do Diabo na produção de sua descendência simbólica. No segundo, remete à fala anterior de Bolsonaro, ativando um sentido intertextual que intensifica a crítica. Essa duplicidade de leitura aproxima-se do que Charaudeau compreende como humor produzido pela coexistência de diferentes níveis de sentido, especialmente quando uma expressão permite a passagem de uma isotopia a outra (Charaudeau, 2006, p. 32). A contribuição de Samoyault complementa essa leitura ao mostrar que tais deslocamentos se apoiam em redes de memória textual e discursiva, nas quais uma palavra pode condensar relações anteriores e produzir novos efeitos de interpretação.

No caso analisado, é possível articular os três níveis de memória indicados por Samoyault: a memória trazida pelo texto, a memória do autor e a memória do leitor (Samoyault, 2008, p. 143). A memória trazida pelo texto concentra-se na expressão “fraquejada”, que carrega uma referência anterior; a memória do enunciador manifesta-se na escolha estratégica de recuperar essa palavra e deslocá-la para uma cena de derrisão; e a memória do leitor é convocada para reconhecer a alusão e completar o efeito humorístico. Dessa forma, a postagem só realiza plenamente sua potência crítica quando essas três dimensões se encontram no processo interpretativo.

A derrisão política se constrói justamente nesse cruzamento entre intertextualidade, memória discursiva e rebaixamento simbólico. O alvo não é apenas criticado por meio de uma opinião direta; ele é ridicularizado a partir de sua própria fala anterior. Essa operação confere ao humor um efeito de punição discursiva, pois a palavra anteriormente empregada pelo sujeito político retorna contra ele, agora reorganizada em uma cena de escárnio. A postagem, assim, não apenas expressa rejeição política, mas encena a deslegitimação do alvo por meio da apropriação irônica de seu próprio discurso.

Nesse sentido, a intertextualidade não é um elemento secundário da publicação, mas uma condição central de seu funcionamento humorístico. Sem o reconhecimento da fala anterior sobre a “fraquejada”, o post ainda poderia produzir humor pela hipérbole demonológica e pela associação depreciativa entre figuras públicas. Entretanto, a força

crítica do enunciado se amplia quando o leitor percebe que a palavra final reinscreve um discurso anterior de Bolsonaro e o transforma em mecanismo de sua própria ridicularização. O humor, portanto, resulta da articulação entre memória, deslocamento e julgamento.

Essa dinâmica confirma que o humor político digital opera, muitas vezes, por condensação discursiva. Em poucas palavras, a postagem mobiliza um imaginário religioso, uma cadeia de negatividade histórica, uma memória intertextual vinculada ao discurso político brasileiro e uma estratégia de rebaixamento simbólico. O locutor aposta em um destinatário capaz de reconhecer esses elementos e de participar da convivência crítica proposta. Assim, o riso pretendido não decorre apenas do exagero ou da surpresa, mas da recuperação de um discurso anterior que, ao ser deslocado, passa a produzir novos efeitos de sentido. A publicação analisada evidencia, portanto, que o humor político em rede social se constitui como prática dialógica, intertextual, memorial e ideologicamente situada.

Análise semiolinguística do post: humor, alvo e efeitos de sentido

A publicação analisada apresenta uma estrutura verbal breve, própria da circulação em redes sociais, mas produz efeitos discursivos complexos. O enunciado organiza-se como uma pequena narrativa humorística, iniciada pela afirmação de que o Diabo teria tido três filhos, seguida da enumeração de figuras históricas e políticas associadas a uma cadeia de negatividade moral. A frase final desloca a lógica da enumeração ao afirmar que, após uma “fraquejada”, teria nascido Jair Bolsonaro. Essa organização produz humor por meio de hipérbole, quebra de expectativa, rebaixamento simbólico e retomada intertextual de uma fala pública anterior.



Figura 1 – Publicação humorística analisada.

Fonte: captura de tela de publicação na rede social X, realizada pelo autor.

Pela perspectiva semiolinguística, o post deve ser compreendido como um ato de linguagem situado. Sua significação não decorre apenas das palavras empregadas, mas do contrato de comunicação em que se insere. Charaudeau compreende o contrato de comunicação como um quadro de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira, envolvendo tanto dados externos, ligados à situação social de comunicação, quanto dados internos, relativos ao modo de dizer e aos comportamentos discursivos esperados (Charaudeau, 2013, p. 68-70). No caso analisado, o contrato é marcado pela circulação digital, pela brevidade do enunciado, pela exposição pública, pela disputa de visibilidade e pelo compartilhamento de avaliações políticas condensadas em formas humorísticas.

Trata-se, portanto, de uma postagem em rede social, ambiente caracterizado pela rapidez da leitura, pela circulação ampliada e pela presença recorrente de posicionamentos políticos irônicos, satíricos ou agressivos. Nesse espaço, o humor político atua como forma de comentário público e de tomada de posição. O enunciador não desenvolve uma argumentação formal; ele encena uma avaliação política por meio de uma construção humorística de impacto. Esse funcionamento aproxima-se daquilo que Charaudeau entende como tensão entre informar e captar, uma vez que, no espaço midiático, a comunicação não se orienta apenas pela transmissão de um conteúdo, mas também pela tentativa de produzir adesão, afetar o destinatário e dramatizar a cena discursiva (Charaudeau, 2013, p. 86).

O contrato de comunicação digital favorece esse tipo de formulação porque pressupõe um leitor capaz de interpretar rapidamente alusões, nomes próprios, julgamentos morais e referências compartilhadas. A postagem não explica quem são os sujeitos mencionados, nem contextualiza a expressão “fraquejada”. Ela aposta em uma competência interpretativa prévia do destinatário. Desse modo, o texto convoca um leitor familiarizado tanto com o repertório político contemporâneo quanto com a fala anterior de Bolsonaro, sem a qual a frase final perde parte de sua força crítica.

O post também deve ser situado no campo do discurso político, entendido por Charaudeau como espaço de estratégias, implícitos e encenações. Para o autor, a palavra política não deve ser tomada em transparência literal, pois ela se organiza como jogo de máscaras, no qual o que se diz precisa ser interpretado em relação ao que não se diz e aos efeitos de persuasão e sedução pretendidos pelo sujeito enunciador (Charaudeau, 2011, p. 1). A publicação analisada não apresenta uma crítica política direta e argumentativa; ela

mascara essa crítica sob a forma de piada. A genealogia demonológica não deve ser lida literalmente, mas como encenação satírica de um julgamento político.

A partir do texto de Charaudeau sobre o humor, é possível compreender o post como ato humorístico situado. Para o autor, o fato humorístico não constitui, por si só, toda a situação de comunicação, mas corresponde a uma forma específica de dizer, com finalidade estratégica, que busca tornar o interlocutor cúmplice do jogo enunciativo (Charaudeau, 2006, p. 21-22). Isso significa que o humor do post não está apenas no conteúdo ofensivo ou na escolha de determinadas palavras, mas na maneira como o enunciado constrói uma cena de cumplicidade entre locutor e destinatário em torno de um alvo comum.

Charaudeau também adverte que o ato humorístico não se reduz a um jogo de palavras. Embora trocadilhos, ambiguidades e polissemias possam contribuir para o efeito humorístico, eles não bastam para explicá-lo. A análise precisa considerar a situação de enunciação, o tema mobilizado, os procedimentos de linguagem e os efeitos que o enunciado pode produzir no público (Charaudeau, 2006, p. 22). No caso do post, a comicidade não decorre apenas do termo “fraquejada”, mas da articulação entre o domínio político, o imaginário religioso, a enumeração depreciativa, a quebra de expectativa e a memória discursiva ativada pelo destinatário.

A cena humorística organiza-se em torno de três protagonistas: locutor, destinatário e alvo. Para Charaudeau, o locutor é aquele que produz o ato humorístico em determinada situação comunicacional, mas sua legitimidade depende da relação que estabelece com o interlocutor, das circunstâncias de produção e do tema abordado (Charaudeau, 2006, p. 22). No post, o locutor assume uma posição satírica e depreciativa. Ele não busca neutralidade ou equilíbrio argumentativo; constrói seu dizer a partir de uma avaliação negativa dos alvos, procurando legitimar a piada pela pressuposição de que o destinatário compartilha o mesmo julgamento político.

O destinatário ideal é aquele que aceita participar da cena de cumplicidade proposta. Esse leitor reconhece o tom de escárnio, identifica os nomes mobilizados, percebe a associação demonológica e compreende a alusão contida na palavra “fraquejada”. Em Charaudeau, o destinatário do ato humorístico pode ser colocado na posição de cúmplice ou de vítima (Charaudeau, 2006, p. 23). No caso analisado, o destinatário presumido é construído como cúmplice: ele é convidado a aderir ao julgamento negativo produzido pelo enunciadador e a compartilhar o riso dirigido ao alvo. Entretanto, essa cumplicidade não é

universal. Leitores que se identifiquem politicamente com os sujeitos mencionados, ou que rejeitem o teor agressivo da comparação, podem interpretar o post como insulto, excesso ou violência simbólica.

O alvo do humor é constituído por figuras públicas reunidas em uma mesma cadeia depreciativa. A associação com o Diabo funciona como mecanismo de demonização simbólica: os nomes citados são colocados em relação com um imaginário do mal, da destruição e da condenação moral. Para Charaudeau, o alvo é aquilo ou aquele sobre o qual incide o ato humorístico, podendo ser uma pessoa, um grupo, um comportamento ou uma visão de mundo; é por meio dele que o humor coloca em questão certas formas estabilizadas de perceber a realidade, produzindo disjunções, dissociações e discordâncias na ordem das coisas (Charaudeau, 2006, p. 23-24). No post, o alvo não é apenas um indivíduo isolado, mas um conjunto de figuras políticas e históricas submetidas a uma operação comum de rebaixamento. Bolsonaro, contudo, ocupa posição específica nessa estrutura, pois aparece como desfecho da piada e como ponto de maior intensificação do escárnio.

A enumeração inicial produz um efeito de expectativa. Ao afirmar que o Diabo teve “três filhos”, o enunciado cria uma lógica aparentemente fechada, organizada em torno de três nomes. A frase final rompe essa expectativa ao introduzir Bolsonaro não como quarto filho direto, mas como resultado de uma “fraquejada”. Essa quebra reorganiza o sentido da postagem: a piada não apenas inclui Bolsonaro na cadeia negativa, mas o coloca em uma posição ainda mais depreciativa, como se sua existência simbólica fosse consequência de uma falha grotesca do próprio Diabo. O humor, nesse ponto, opera por intensificação e desvio: o leitor espera a conclusão da enumeração, mas recebe uma reformulação que amplia o rebaixamento.

Essa estrutura revela um procedimento de derrisão política. A derrisão não busca apenas provocar riso, mas diminuir simbolicamente o alvo diante de uma comunidade interpretativa. O post não apresenta uma crítica argumentativa às ações políticas dos sujeitos citados; ele produz uma imagem moral negativa, condensada em uma genealogia absurda. A hipérbole demonológica funciona como estratégia de deslegitimação: ao vincular figuras públicas ao Diabo, o enunciado as desloca do campo da divergência política para o campo do mal absoluto. Essa operação amplia a força afetiva do post, mas também intensifica a possibilidade de rejeição por parte de leitores que recusem esse tipo de comparação.

Nesse ponto, é importante distinguir, com Charaudeau, os processos linguísticos dos processos discursivos. Os processos linguísticos dizem respeito aos mecanismos léxico-sintáticos e semânticos, como jogos com significantes, homônimas, polissemias e deslocamentos de isotopia. Já os processos discursivos dependem da cena de enunciação, da posição do sujeito falante, da relação com o interlocutor, do alvo visado, do contexto de uso e do valor social do domínio temático (Charaudeau, 2006, p. 25-26). No post, a palavra “fraquejada” opera linguisticamente pela duplicidade semântica, mas seu valor humorístico só se efetiva discursivamente porque está ligada a uma memória política, a um alvo reconhecível e a um contrato de leitura satírico.

O funcionamento humorístico também depende do jogo enunciativo. Para Charaudeau, esse tipo de jogo coloca o destinatário diante da necessidade de calcular a relação entre aquilo que é dito explicitamente e a intenção implícita que a formulação encobre (Charaudeau, 2006, p. 27). No post, o enunciador não pretende afirmar literalmente uma genealogia demoníaca. O leitor precisa reconhecer que se trata de uma construção satírica, em que a figura do Diabo opera como recurso simbólico de condenação moral. O sentido não está apenas no enunciado manifesto, mas no julgamento implícito que o destinatário deve reconstruir: os sujeitos mencionados são avaliados como politicamente ou moralmente condenáveis pelo enunciador.

Esse jogo enunciativo coloca em tensão o que é dito e o que é pensado. Charaudeau observa que, nesse procedimento, há uma dissociação entre a superfície explícita do enunciado e a intenção que precisa ser inferida, exigindo do destinatário uma operação de reversão interpretativa (Charaudeau, 2006, p. 27-28). No post, a superfície apresenta uma narrativa absurda sobre o Diabo e seus filhos; a intenção implícita, porém, é produzir um julgamento depreciativo sobre figuras públicas e, especialmente, sobre Bolsonaro. O humor nasce dessa dissociação: o enunciado diz uma coisa impossível no plano literal, mas faz compreender uma avaliação política no plano discursivo.

A ironia também participa dessa construção. Segundo Charaudeau, a ironia exige que o destinatário reconheça uma distância entre aquilo que é dito e aquilo que deve ser compreendido, sendo o alvo o objeto do julgamento negativo e o destinatário uma testemunha convocada à cumplicidade (Charaudeau, 2006, p. 28-29). No post, o destinatário ideal é convidado a testemunhar o rebaixamento simbólico do alvo. A piada não se volta contra esse destinatário, mas contra terceiros. Por isso, a cumplicidade torna-se possível para

aqueles que compartilham o julgamento do enunciador. Para outros leitores, especialmente os que se identificam com o alvo, o mesmo enunciado pode deixar de funcionar como humor e passar a ser recebido como agressão.

Há ainda um jogo semântico centrado na palavra “fraquejada”. Em um primeiro plano, o termo participa da narrativa humorística interna ao post, sugerindo que o Diabo teria cometido uma falha ou deslize, da qual resultaria Bolsonaro. Em um segundo plano, a palavra remete à fala anterior de Bolsonaro sobre ter tido quatro filhos homens e ter “fraquejado” no nascimento da filha. Essa duplicidade produz a passagem de uma isotopia a outra: da narrativa demonológica fictícia à memória do discurso político brasileiro. Charaudeau entende o jogo semântico como exploração de palavras capazes de sustentar dois ou mais níveis de leitura no interior da frase (Charaudeau, 2006, p. 32). O termo “fraquejada”, nesse sentido, condensa dois planos de interpretação, funcionando simultaneamente como peça da piada e como marcador intertextual.

É nesse ponto que a intertextualidade se torna central. A expressão “fraquejada” não é neutra: ela carrega uma memória discursiva socialmente reconhecível. Samoyault compreende a intertextualidade como memória, isto é, como retomada, lembrança e reescritura de discursos anteriores em novas configurações de sentido (Samoyault, 2008, p. 47). No post, o enunciador recupera uma formulação associada ao próprio Bolsonaro e a desloca para uma cena de escárnio. A fala anterior retorna, mas retorna invertida: aquilo que foi proferido pelo alvo passa a ser usado contra ele.

Essa retomada evidencia o caráter lúdico e paródico da intertextualidade. Samoyault observa que os textos podem jogar com referências, modelos e formulações já ditas, reapropriando-se delas de modo transformador (Samoyault, 2008, p. 78-79). No caso analisado, a palavra “fraquejada” é submetida a uma reorientação irônica. O post não cita integralmente a fala anterior, mas a evoca de modo suficiente para que o leitor a reconheça. O humor depende justamente dessa economia alusiva: uma única palavra ativa um discurso anterior, permitindo que a piada produza um efeito mais complexo do que produziria se se limitasse à associação entre Bolsonaro e o Diabo.

A relação entre intertextualidade e recepção também é decisiva. Samoyault observa que a intertextualidade depende da memória do leitor, pois exige dele repertório, imaginação e capacidade de reconhecer deslocamentos entre textos e discursos (Samoyault, 2008, p. 89-91). A postagem constrói, portanto, um destinatário ideal: alguém que conhece a fala anterior

de Bolsonaro, reconhece sua carga social e percebe sua reinscrição humorística. Quando esse reconhecimento ocorre, o efeito de derrisão se intensifica. Quando não ocorre, o post ainda pode ser compreendido como insulto hiperbólico, mas perde parte de sua densidade intertextual.

Essa dependência da memória do leitor aproxima Samoyault e Charaudeau. Para Samoyault, a intertextualidade envolve a memória trazida pelo texto, a memória do autor e a memória do leitor (Samoyault, 2008, p. 143). Para Charaudeau, o ato humorístico depende da relação entre locutor, destinatário e alvo, bem como da possibilidade de produzir cumplicidade interpretativa (Charaudeau, 2006, p. 21-23). No post, essas dimensões se articulam: a memória trazida pelo texto está condensada em “fraquejada”; a memória do enunciador aparece na escolha estratégica de recuperar essa palavra; e a memória do leitor é convocada para completar o sentido humorístico. A cumplicidade só se realiza plenamente quando essas memórias entram em funcionamento.

No plano do discurso político, essa operação também pode ser compreendida como jogo de máscaras. A postagem não diz apenas que Bolsonaro é criticável; ela encena essa crítica por meio de uma genealogia grotesca e de uma alusão intertextual. O dizer político aparece mascarado como piada, mas a piada funciona como julgamento. A forma humorística permite ao enunciador produzir uma crítica agressiva sob o regime do riso, deslocando o enunciado de uma acusação direta para uma cena de escárnio compartilhável.

Além disso, a publicação mobiliza uma estratégia de captação. Em Charaudeau, a captação está associada à tentativa de afetar o destinatário e levá-lo a aderir a determinado efeito discursivo (Charaudeau, 2013, p. 86). No post, essa captação ocorre pela combinação entre choque, brevidade e reconhecimento intertextual. A referência ao Diabo produz impacto; a enumeração organiza a expectativa; a frase final surpreende; e a palavra “fraquejada” convoca a memória política do leitor. O resultado é uma cena discursiva em que o riso pretendido funciona como forma de adesão a uma avaliação negativa.

Contudo, os efeitos do post não são controláveis de modo absoluto. O humor pode produzir cumplicidade, mas também recusa. Para o destinatário que compartilha a posição crítica do enunciador, a postagem tende a funcionar como sátira política. Para o destinatário que se identifica com o alvo ou rejeita comparações hiperbólicas envolvendo figuras históricas e religiosas, o enunciado pode ser recebido como agressão ou excesso. Essa instabilidade confirma que o humor é um ato de linguagem situado, cujos efeitos dependem

das posições ocupadas pelos sujeitos, dos saberes mobilizados e dos valores compartilhados na situação comunicativa.

A análise permite compreender que o post não opera apenas como manifestação espontânea de opinião, mas como construção discursiva estrategicamente organizada. A piada articula contrato de comunicação digital, memória intertextual, jogo enunciativo, jogo semântico, derrisão política e captação do destinatário. O humor se constrói pela sobreposição de sentidos: a narrativa demonológica fornece a base hiperbólica; a enumeração estrutura a expectativa; a frase final produz a surpresa; e a palavra “fraquejada” ativa a memória discursiva que transforma o enunciado em uma retomada crítica de uma fala anterior do próprio alvo.

Dessa forma, a publicação evidencia que o humor político digital pode funcionar como prática de deslegitimação simbólica. O riso pretendido não é neutro: ele participa de uma disputa de sentidos, produzindo adesão entre determinados leitores e rejeição entre outros. O post transforma a memória de uma fala pública em recurso de escárnio, fazendo com que o discurso anterior retorne contra seu próprio enunciador. Assim, a postagem se constitui como ato humorístico, gesto intertextual e posicionamento político, confirmando a produtividade da articulação entre a teoria semiolinguística de Charaudeau e a concepção de intertextualidade como memória em Samoyault.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo permitiu compreender que o humor político em circulação nas redes sociais não se reduz à produção espontânea do riso, nem pode ser explicado apenas pela agressividade verbal ou pelo jogo de palavras. A publicação analisada constitui um ato de linguagem situado, produzido em um contrato de comunicação digital marcado pela brevidade, pela rapidez da circulação, pela disputa de visibilidade e pela polarização político-ideológica. Nesse espaço, o humor funciona como estratégia de tomada de posição, condensando julgamentos, memórias discursivas e efeitos de cumplicidade em uma formulação aparentemente simples.

A partir da teoria semiolinguística de Charaudeau, observou-se que o post organiza uma cena humorística constituída por locutor, destinatário e alvo. O locutor assume uma posição satírica e depreciativa; o destinatário ideal é convocado a reconhecer a crítica e a

participar da cumplicidade humorística; e o alvo é formado por figuras públicas submetidas a uma operação de rebaixamento simbólico. A associação com a imagem do Diabo produz uma hipérbole moralizante, pela qual os sujeitos mencionados são deslocados do campo da divergência política para o campo do mal, da condenação e da monstruosidade simbólica.

O funcionamento humorístico do post também se constrói pela quebra de expectativa. A enumeração inicial cria uma lógica aparentemente estável, ao afirmar que o Diabo teria tido três filhos. A frase final, entretanto, rompe essa estrutura ao apresentar Bolsonaro como resultado de uma “fraquejada”. Esse desvio intensifica o efeito de derrisão, pois o último alvo não é apenas incluído na cadeia depreciativa, mas é rebaixado ainda mais, como consequência de uma falha grotesca. O riso pretendido, portanto, não é neutro: ele participa de um julgamento político e busca produzir adesão entre leitores que compartilham a avaliação negativa proposta pelo enunciador.

A intertextualidade mostrou-se elemento central para a compreensão desse efeito. A expressão “fraquejada” retoma, de modo alusivo, uma fala pública anterior de Bolsonaro sobre ter tido quatro filhos homens e ter “fraquejado” no nascimento da filha. Com base em Samoyault, foi possível compreender essa retomada como operação de memória, reescritura e deslocamento. O post não reproduz integralmente o discurso anterior, mas o reinscreve em outra cena enunciativa, transformando uma fala do próprio alvo em instrumento de sua ridicularização. A palavra retorna, portanto, contra aquele a quem estava associada, produzindo um efeito de inversão valorativa.

Essa articulação entre humor e intertextualidade evidencia que o sentido do post depende da memória do leitor. Para que a piada produza plenamente seus efeitos, o destinatário precisa reconhecer a fala anterior, compreender sua carga social e perceber sua reinscrição irônica. Quando essa memória é ativada, a postagem deixa de funcionar apenas como insulto hiperbólico e passa a operar como gesto intertextual de derrisão política. Quando a memória não é compartilhada, parte da força crítica se perde, embora permaneça o efeito de rebaixamento produzido pela associação demonológica.

Desse modo, a publicação analisada evidencia a produtividade do cruzamento entre a teoria semiolinguística de Charaudeau e a concepção de intertextualidade como memória em Samoyault. Charaudeau permite compreender o humor como ato de enunciação estratégico, dependente de uma situação de comunicação, de um alvo e da construção de cumplicidade com o destinatário. Samoyault, por sua vez, permite observar como a memória

discursiva participa da produção de sentido, especialmente quando uma palavra concentra vestígios de um discurso anterior e os desloca para novas condições de interpretação.

Conclui-se, assim, que o humor político digital funciona como prática discursiva situada, atravessada por ideologia, memória, intertextualidade e disputa de sentidos. No post analisado, o riso não atua apenas como efeito recreativo, mas como forma de julgamento, crítica e deslegitimação simbólica. A postagem transforma uma fala pública anterior em recurso de escárnio, fazendo com que o discurso do próprio alvo retorne contra ele. Nesse processo, o humor se constitui como estratégia de captação e de posicionamento político, capaz de produzir cumplicidade, adesão, recusa ou conflito, conforme as memórias, valores e posições dos sujeitos envolvidos na interpretação.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CHARAUDEAU, P. **Des catégories pour l'humour?** *Questions de communication*, n. 10, p. 19-41, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. 2. ed. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed., 2. reimpr. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed., 3. reimpr. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. A socio-communicational model of discourse: between communication situation and individuation strategies. In: ABLALI, Driss; ACHARD-BAYLE, Guy (ed.). **French theories on text and discourse**. Berlin: De Gruyter, 2023. p. 207-229.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

VELOSO, G. **O Diabo teve três filhos: Adolf Hitler; Benjamin Netanyahu; Donald Trump. Aí, ele deu uma fraquejada e nasceu Jair Bolsonaro**. X: @g_vgouvea, 17 jun. 2026. Captura de tela. Disponível em: https://x.com/g_vgouvea/status/2067201736058573030. Acesso em: 18 jun. 2026